

A IMAGEM DE JOÃO PEDRO STÉDILE, LÍDER DO MST, NA CAPA DA VEJA

Autor: Airton Donizete de Oliveira*

Resumo: O autor, no artigo que se segue, analisa a foto do líder do MST João Pedro Stédile publicada na capa da revista Veja em 3 de junho de 1998. Para realizar o presente estudo, o autor recorreu à Identidade Visual, à Iconografia, à Iconologia e à Análise do Discurso. A foto do líder dos sem-terra foi alterada graficamente, o que poderia levar o leitor, na época em que a revista foi publicada, a acreditar que Stédile seria um representante do mal e que o MST não passaria de um movimento arruaceiro. Tal alteração gráfica e os dizeres que a acompanham desviam o foco e a foto do contexto. A luta dos sem-terra é pela reforma agrária, que até hoje não entrou na agenda de prioridades dos governos que passaram pelo Palácio do Planalto.

Palavras-chave: Imagem; Veja; MST.

IMAGE OF JOÃO PEDRO STÉDILE, LEADER OF THE MST, SEE THE COVER OF THE MAGAZINE

Abstract: The author in the article that follows examines the picture of MST leader Joao Pedro Stedile published on the cover of Veja magazine on June 3, 1998. To perform this study, the author appealed to the Identity, the Iconography, Iconology and the Discourse Analysis. The photo of the leader of the landless has changed graphically, which could lead the reader, at the time the magazine was published, Stédile to believe that would be a representative of evil and that the MST is no more than a hooligan movement. Such a change graphic and the words accompanying the photo and the photo focus away from the context. The struggle of the landless is agrarian reform, which has not yet entered the agenda of priorities of the governments which passed the Presidential Palace.

Keywords: Image; Veja; MST.

*Mestrando em Comunicação Visual, Universidade Estadual de Londrina –
donijornalismo@gmail.com

Introdução

O presente artigo propõe analisar a representação do líder do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), João Pedro Stédile, em foto publicada na capa da revista *Veja* em 3 de junho de 1998. As capas de revistas semanais, a exemplo de *Veja*, estampam imagens e pequenos textos sobre os mais diversos assuntos. Ao retratar os sem-terra em suas capas, *Veja* deixa transparecer sua posição sobre o MST. O objetivo geral deste trabalho - investigar os efeitos de sentido presentes nesta capa da *Veja* sobre o MST - é seguido de objetivos específicos: Analisar elementos que ajudam a formar a imagem exposta nesta capa da *Veja* sobre o MST; realizar análise de tal capa com base na história da *Veja* e do MST e alertar leitores da revista sobre os efeitos de sentido presentes nesta capa.

Nas bancas de rua ou na internet, revistas exibem suas capas, que funcionam como vitrine. Por meio delas, o leitor pode decidir se avança ou não na leitura interna. Por isso, esta análise se aterá apenas a esta capa de *Veja* sobre o MST, não avançando ao conteúdo interno da revista. Com tamanha exposição, a posição de *Veja* sobre o movimento pode confundir o leitor que não o conhece. Daí a importância desta análise, que também pode auxiliar professores em sala de aula. Muitos se utilizam da revista em suas aulas no ensino fundamental e médio.

Alvo da censura militar, *Veja*, editada pela Editora Abril, chegou ao mercado editorial em 1968 para substituir a revista *Realidade*, que saiu de circulação em 1976. Desde então, mantém uma linha editorial voltada ao pensamento neoliberal, com destaque para assuntos do cotidiano. É uma publicação que apóia a livre iniciativa e o sistema neoliberal de governo, tão bem representado em suas páginas. Em seu primeiro número que foi às bancas, em setembro de 1968, *Veja* estampou uma capa sobre o comunismo na então União Soviética, com a chamada: “O grande duelo no mundo comunista”. Um fundo vermelho ressalta a sombra da foice e martelo em preto. Assim, a revista recém-lançada começava a demarcar sua posição no mercado editorial.

Os ataques de *Veja* ao MST são permanentes e revelam o claro propósito da revista em destruir a identidade do movimento. Uma das principais organizações surgidas no Brasil pós-ditadura militar, os sem-terra talvez sejam a única entidade civil que consegue pressionar o Governo Federal e mostrar à sociedade que o Brasil precisa realizar a reforma agrária. Esta é uma reivindicação antiga. A concentração de terra no Brasil vem desde os tempos da Colônia e está ligada à falta de cidadania, que também perdura desde àquela época. Carvalho (2001) lembra que

um traço marcou durante séculos a economia e a sociedade brasileiras: o latifúndio monocultor e exportador de base escravista. “Formaram-se ao longo da costa núcleos populacionais baseados nesse tipo de atividade que constituíram os principais pólos de desenvolvimento da colônia e lhe deram viabilidade econômica até o final do século XVII, quando a exploração do ouro passou a ter importância” – Carvalho (2001, p. 18).

Se outrora era assim, não interessa ao Estado e à classe dominante que haja mudanças. Talvez a principal de suas armas seja a grande mídia, um dos aparelhos ideológicos de Estado. Conforme descreve Althusser (1974, p. 42):

“Para se avançar na teoria do Estado, é indispensável ter em conta, não só a distinção entre poder de Estado e aparelho de Estado, mas também outra realidade que se situa manifestadamente do lado do aparelho (repressivo) de Estado, mas não se confunde com ele. Designaremos esta realidade pelo seu conceito: os aparelhos ideológicos de Estado”.

Para realizar a presente análise foi utilizada a pesquisa bibliográfica. Foram consultados livros, jornais, revistas e sites que tratam deste tema. Para analisar a presente capa de *Veja* sobre o MST, o autor recorreu à Identidade Visual, à Iconografia, à Iconologia e à Análise do Discurso.

1) A revista *Veja*

A imprensa se alastrou pelo Brasil, mas não mudou seu perfil editorial. Ou seja, não deixou de ser comandada pela classe dominante. Passou pela ditadura do Estado Novo (1937 a 1945), período em que muitos jornais e revistas foram fechados por determinação do Governo Federal.

A ditadura militar instalada em 1964 deu outro golpe na imprensa. Jornais, revistas, rádios e canais de televisão passaram a conviver com a censura. Mas o golpe fatal veio em 1968 com o decreto que impôs o ato institucional cinco, o AI 5. A censura endureceu. Neste cenário nasceu a revista *Veja*, criada em 1968, pelos jornalistas Victor Civita e Mino Carta. Publicada pela Editora Abril, substituiu a revista *Realidade*, que saiu de circulação em 1976.

No começo, *Veja* teve dificuldades. Lutou contra a censura do Governo Militar, até acertar sua fórmula. As vendas começaram a melhorar quando a revista passou a ser vendida por assinatura, em 1971. Hoje, as assinaturas correspondem a 80% da venda dos seus 1,2 milhões de exemplares semanais. Segundo Scalzo (2009, p. 31), para formar a primeira equipe de *Veja*, a

Editora Abril selecionou em todo o país, e treinou durante três meses, cem jovens com formação superior. Deles, 50 foram aproveitados na Redação.

Era o primeiro curso de jornalismo da empresa, e também o primeiro a falar sobre jornalismo em revista. Tal prática é mantida até hoje. Os jornalistas que atuam nas revistas do grupo são selecionados por meio de treinamento promovido pela Editora Abril. Veja é hoje a quarta revista de informação mais vendida no mundo, atrás das norte-americanas Time, Newsweek e da inglesa The Economist.

Veja trata de temas do cotidiano da sociedade brasileira e do mundo, como política, economia, cultura e comportamento; tecnologia, ecologia e religião por vezes também são abordadas. Possui seções fixas de cinema, literatura, música, entre outras variedades. A maioria dos seus textos é elaborada por jornalistas, porém nem todas as seções são assinadas.

No Brasil, de acordo com Scalzo (2009), a primeira concorrente de Veja foi Visão, que já existia quando a revista da Editora Abril foi lançada. Depois vieram Isto é, Senhor, Afinal, Época, Carta Capital, Caros Amigos e Piauí. O leitor de Veja se assemelha ao da revista Visão que, lançada em 1952, tinha linha editorial voltada para um público formado por empresários, executivos e homens da classe média.

Visão aproveitou a consolidação de uma sociedade urbana e industrial no país, na década de 1950, e criou um modelo de jornalismo que privilegiava a análise, a clareza das informações e a capacidade de síntese. Daquela década em diante, a chamada grande imprensa tem tido um papel político central na história do Brasil. A partir dali, segundo Silva (www.unioeste.br), os veículos de imprensa passaram a se vender como “informativos” e não mais como “opinativos,” que seriam apenas os jornais vinculados aos partidos políticos.

“Nesse período também se dissemina a ideia de que a imprensa seria o “quarto poder”, acima dos demais vigiando. Mais um motivo para sua atuação política ficar ainda mais protegida”, acrescenta Silva (www.unioeste.br).

2) MST: herdeiro de lutas históricas

Um rápido olhar pela historiografia brasileira revela os levantes e revoltas de movimentos sociais que apregoavam mudanças na condução política do país. Canudos (revolta no sertão baiano entre 1896 e 1897, estimam-se a morte de 25 mil pessoas), Guerra do Contestado (conflito que se deu na divisa entre Paraná e Santa Catarina, em 1913, que teria provocado a morte de 20

mil pessoas), Revolta de Palmares (ataque das forças governistas contra o Quilombo dos Palmares, na Serra da Barriga, hoje interior de Alagoas, que culminou com a morte de Zumbi dos Palmares) entre outros, demonstraram descontentamento com a concentração de poder nas mãos de um Estado que sempre deixara o povo em segundo plano. A luta desses movimentos não cessou. Ela continua viva e, hoje, tem no MST seu legítimo representante.

“De fato, só existimos hoje porque, antes de nós, o povo organizou outras formas de organização e de luta por justiça. Somos herdeiros das lutas históricas dos povos indígenas, dos negros, dos brancos, dos movimentos camponeses e de resistência. Somos fruto de muitas reflexões. Somos fruto da teorização de muitas experiências de lutas que nos antecederam, seja no Brasil ou nos movimentos camponeses da América Latina” – Ayoub apud Marina dos Santos (2006, p. 18).

Quando se fala em reforma agrária, é bom lembrar que se trata de uma reivindicação antiga. A concentração de terra no Brasil vem do período colonial e está ligada à falta de cidadania, que também perdura desde àquela época.

Carvalho (2001, p. 17 e 18) afirma:

“Ao proclamar sua independência de Portugal em 1822, o Brasil herdou uma tradição cívica pouco animadora. Em três séculos de colonização (1500-1822), os portugueses tinham construído um enorme país dotado de unidade territorial, lingüística, cultural e religiosa. Mas tinham também deixado uma população analfabeta, uma sociedade escravocrata, uma economia monocultura e latifundiária, um Estado absolutista. À época da independência, não havia cidadãos brasileiros, nem pátria brasileira”.

Em 1500, os portugueses chegaram ao Brasil e depararam com aquele imenso território. Não titubearam em usar a força para dominar os donos das terras, que aqui viviam. Eram cerca de 5 milhões de índios, que foram submetidos ao modo de produção, às leis e à cultura portuguesa. Toda a terra brasileira passou a ser propriedade da Coroa Portuguesa. Os que aqui chegaram receberam concessão de uso. Um direito hereditário, ou seja, os herdeiros dos grandes fazendeiros podiam continuar com a posse das terras e sua exploração.

“Em 1850, a Coroa, sofrendo pressões inglesas para substituir a mão-de-obra escrava pelo trabalho assalariado, com a conseqüente e inevitável abolição da escravidão, e para impedir que, com a futura abolição, os então trabalhadores ex-escravos se apossassem das terras, promulga, naquele ano, a primeira lei (Lei 601) de terras do país” – Stedile (2005, p. 24).

Tal ato jurídico consolidou a propriedade privada no Brasil e, a partir daí, formaram-se os grandes latifúndios que persistem até hoje no país.

Com o fim da escravidão, em 1888, e chegada dos migrantes europeus, surgiu o campesinato brasileiro. Até então, havia apenas trabalhadores escravizados, vindos da África ou retirados das comunidades nativas, indígenas. Em 1930, uma revolução burguesa leva ao poder Getúlio Dornelles Vargas, que fica no comando do país até 1945. A oligarquia rural se enfraquece e faz uma aliança com a burguesia urbana. Em razão disso, há o êxodo rural. Os camponeses deixam a roça e se iludem com novos empregos e salários na indústria.

A crise pela falta da terra se agrava. O Brasil vê nascer, entre 1950 e 1964, as ligas camponesas (movimento ocorrido no sertão pernambucano liderado por Francisco Julião Arruda de Paula, cujo objetivo era fazer a reforma agrária) e outros movimentos que exigiam a realização de reforma agrária no Brasil.

Esses movimentos foram esmagados pela ditadura militar, que se instalou no país em 1964. O latifúndio derrotou a reforma agrária. Pessoas que lutavam pela reforma agrária foram mortas, presas ou exiladas pelos militares. Mas eles até que ensaiaram algum ato de realizar a reforma agrária, mas as iniciativas não foram avante. A grande concentração de terra prevaleceu.

Entre 1979 e 1980, no auge da luta pela redemocratização, surge uma nova forma de pressão dos camponeses: as ocupações organizadas por centenas de famílias. No início de 1984, os participantes dessas ocupações realizam o primeiro encontro, dando nome e articulação própria ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). A primeira reunião oficial, que sacramenta a criação do MST ocorreu em 1984 no Primeiro Encontro Nacional dos Sem-Terra, em Cascavel, no Paraná. Ou seja, o movimento não tem um dia de fundação, mas essa reunião marca o ponto de partida de sua construção.

Mas quando se fala da fundação do MST não se pode dizer que o movimento nasceu em 1984. Ele é fruto de uma história de luta. Não é uma luta contra este ou aquele governo. É uma luta contra o sistema que impera no Brasil desde que os portugueses aqui chegaram. Até hoje não se fez uma verdadeira reforma agrária no Brasil.

3) Capas funcionam como isca

A capa de revista funciona como síntese da edição. Nela é destacado o assunto principal com chamadas para assuntos de menor importância, conforme definido por cada editor. Mas a capa tem um objetivo especial: fisgar o leitor. A partir da capa, ele pode ou não folhear a revista. Pela exibição quer seja nas bancas ou mesmo na internet, a capa é quase uma revista dentro da revista. Muitas vezes, o leitor se atém a ela, sem avançar no assunto interior.

Para Scalzo (2009), uma boa revista precisa de uma capa que ajude a conquistar leitores e os convença a levá-la para casa. “Capa”, como diz o jornalista Thomaz Souto Corrêa, ‘é feita para vender revista’ – Scalzo (2009, p. 19). Por isso, complementa, a capa precisa ser o resumo irresistível de cada edição, uma espécie de vitrine para o deleite e a sedução do leitor.

Segundo Scalzo (2009), notícias quentes e exclusivas vão sempre redundar em capas fortes e chamativas. “Como se costuma dizer nas redações, com certo tom de humor: Papa morto vende, Papa vivo, não”.

Quando Veja, por exemplo, acrescenta Scalzo (2009), publicou a histórica entrevista exclusiva com Pedro Collor de Mello denunciando o irmão – o então presidente Fernando Collor -, não foi preciso mais nada além de estampar a foto do personagem ao lado da chamada: “Pedro Collor conta tudo”. É o caso típico de uma capa que já nasceu pronta.

Scalzo (2009, p. 63) afirma:

“Em qualquer situação, uma boa imagem será sempre importante – e é ela o primeiro elemento que prenderá a atenção do leitor. O logotipo da revista também é fundamental, principalmente quando ela é conhecida, e já detém uma imagem de credibilidade junto ao público. Afinal, quando você vê na banca duas revistas com a mesma notícia na capa, você compra aquela na qual confia mais”.

São estratégias assim que fazem da capa um espaço especial da revista. Nela está o sucesso ou fracasso de uma edição. Em seu conselho final aos editores, Scalzo (2009, p. 64) recomenda: “Olhe para a capa não como um belo quadro, uma obra de arte, mas como um elemento editorial, que tem a função estratégica de definir a compra de seu produto pelos leitores em potencial”.

Assim Veja edita suas capas, sempre levando em conta o olhar do leitor. Uma verdadeira vitrine, onde está exposto seu principal produto. A capa aqui analisada não é diferente. É o que este trabalho pretende mostrar. Por isso, será analisada apenas a capa em questão, sem se ater ao conteúdo interno.

4) Análise da capa em questão



Legenda: Capa de Veja, publicada em 3 de junho de 1998

A capa de Veja de 3 de junho de 1998 estampa a foto do líder dos sem-terra, João Pedro Stédile. A revista utilizou-se de recursos gráficos para alterá-la. Vale ressaltar que em 1998, ano em que esta capa foi publicada, o Photoshop (programa de recursos gráficos do computador) ainda era um meio pouco utilizado. Daí talvez justifique seu uso na capa de Veja. Muitas pessoas não conheciam este mecanismo e, portanto, poderiam achar que a foto de Stédile teria sido feita em condições normais.

Na capa em questão, o lado esquerdo do rosto de Stédile está avermelhado, o que o deixa com cara de bravo. Na foto, mídia, política e espetáculo se complementam. De acordo com Rubim (2004), o espetáculo tem uma história de relacionamento com o poder político que se confunde com a existência dessas modalidades de organização social e do agir humano. “Nossa memória histórica pode ser assaltada por inúmeros episódios, nos quais espetáculo, poder político e política aparecem em vital interação” – (Rubim, 2004, p. 182).

Muitas vezes, a espetacularização na mídia impressa recorre aos recursos gráficos e cores. O vermelho é uma cor forte, que está relacionada com lutas e revoluções. Para Guimarães (2000), as palavras rebeldia, rebeldes, revoltas e revoltados solicitam a presença do vermelho. A palavra raiva, grafada nesta capa, denota a mesma expressão, portanto, pode ser acrescentada a esta lista.

Veja utiliza o vermelho frequentemente em suas capas. Para a revista, esta cor tem significado especial. Afirma Guimarães (2000, p. 134):

“O vermelho, para a revista Veja, quando cor predominante, como podemos observar, está vinculado, sobretudo, à ruptura da ordem social. Observamos que muitas vezes é a cor que se impõe, de forma que qualquer outra tentativa para expressar uma informação visual, ou visual e verbal combinadas, resulta em estranhamento”.

Ainda, segundo Guimarães (2000), o vermelho foi, desde a Idade Média, a cor do crime e do pecado, possivelmente por sua relação denotativa com a cor do sangue derramado. Ele cita o cartão vermelho do futebol, a sinalização de trânsito, a advertência ao uso do remédio sem prescrição médica e até pequenos detalhes que se utilizam do poder do vermelho, como o botão REC (recorder) do gravador que adverte o usuário. Este, acionado por engano, pode gravar sobre aquilo que não se podia descartar. “É bem possível que no dia do Juízo Final essa tonalidade (o vermelho) se espalhe pelo céu e pela terra” – Goethe (1993, p. 134). Mas não é só a cor vermelha que caracteriza a capa em questão. Também a chamada que a complementa: “inspirado por ideais zapatistas, leninistas, maoístas e cristãos, os líderes do MST pregam a implosão da ‘democracia burguesa’ e sonham com um Brasil socialista”.

A citação acima remete à memória. Zapatistas, leninistas e maoístas lembram revolução. O termo cristão está relacionado à Teologia da Libertação, movimento da Igreja Católica que prega um cristianismo de ação e em favor dos pobres. Diferente do movimento carismático cristão, cujo objetivo é a adoração, sem se preocupar com o modo de vida dos fiéis. Segundo Orlandi (1999), a memória está relacionada ao interdiscurso, ou seja, o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-constituído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. “O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” – Orlandi (1999, p. 31).

Não é de hoje que as palavras zapatistas, leninistas e maoístas têm conotação do mal na mídia. Quando o noticiário do rádio e da TV ou mesmo os meios escritos se referem a elas falam em revolução, tomada de poder, ameaça de guerra e coisas do gênero. A memória, portanto, cumpre papel fundamental na capa com a foto de Stédile. “O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua” – Orlandi (1999, p. 31). Assim se apresenta esta capa. Sentidos do passado, já ditos por alguém, ali estão para cumprir uma função: dizer que o MST quer, por meio da baderna, instalar o socialismo no país,

que sua meta é fazer uma revolução para derrubar a burguesia do poder. E mais: que o MST é violento e não mede as conseqüências para atingir seus objetivos.

Afirma Fernandes (2005, p. 40): “O sujeito tem a ilusão de ser o centro de seu dizer, pensa exercer o controle dos sentidos do que fala, mas desconhece que a exterioridade está no interior do sujeito, em seu discurso está o ‘outro’, compreendido como exterioridade social”. Na capa em questão, jornalisticamente, utiliza-se o “padrão de indução”. O leitor é induzido a ver o mundo não como ele é, mas como querem que o veja. O padrão de indução é, assim, o resultado e ao mesmo tempo o impulso final da articulação combinada de outros padrões de manipulação dos vários órgãos de comunicação com os quais ele tem contato.

“A indução a enxergar a outra realidade – diferente e até agora oposta à realidade real – é o fruto da manipulação do conjunto dos meios de comunicação, em que cada qual, individualmente, tem a sua parte, e em que evidentemente a parte preponderante e de maior responsabilidade deve ser atribuída aos maiores meios de comunicação, isto é, aos mais poderosos, aos que têm maior tiragem e audiência, aos que têm e ocupam espaços, aos que veiculam mais publicidade. Em outras palavras, aos melhores” – Abramo (2003, p. 24).

É bom que se diga que a memória analisada aqui não deve ser entendida no sentido diretamente psicologista da “memória individual”, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória dos historiadores, como ensina Pêcheux (1999), em [www. discurso.ufrgs.br/grossario](http://www.discursos.ufrgs.br/grossario): “A imagem seria um operador de memória social, comportando no interior dela mesma um programa de leitura, um percurso escrito discursivamente em outro lugar”.

A presente capa apresenta um membro do MST, João Pedro Stédile, como simbolismo de uma memória histórica e social. Imbuído de todos os perigos que representa esse passado. Na capa em questão, os sem-terra herdaram uma representação maligna. As alterações gráficas da foto complementam o texto. Outro problema que a capa com a foto de Stédile apresenta é o isolamento. Ou seja, à primeira vista, o impacto da foto faz com que o leitor só pense naquela possibilidade, esquecendo-se do contexto em que ela foi produzida. Panofsky (2009, p. 49) alerta: “Não podemos construir o retrato mental de um homem com base em ação isolada, e sim coordenando um grande número de observações similares e interpretando-as no contexto de novas informações gerais quanto à sua época, nacionalidade e classe social”.

O impacto da foto de Stédile é tamanho que o leitor pode deixar de relacioná-la ao contexto. A presente capa não informa em primeiro plano que o MST é um movimento social

criado para realizar a reforma agrária, uma reivindicação, que vem desde o Brasil Colônia e até hoje não foi devidamente realizada. O que se vê, primeiro, é a representação da postura de Stédile, um líder do mal, pronto para a guerra. A atitude de Veja é o que se pode chamar de “jornalismo de pílula”. Publica-se uma foto alterada graficamente, cujo impacto ofusca o contexto em que ela está inserida.

A questão do visual é complexa. Veja aproveita-se dessa complexidade para lançar mão do photoshop e alterar a foto em questão e, assim, tentar desviar o foco para o leitor. Como diz Domenech (2011), o visual, não só a imagem propriamente dita, é sempre um fenômeno complexo que circula por entre diferentes plataformas e níveis de significado, todos eles inscritos na visualidade.

Domenech (2011, p. 19, 20) complementa:

“Dentro da imagem, em sua própria estrutura, instalam-se os resultados de uma imaginação que também se divide nos âmbitos social e individual, pois pertence ao autor entendido ao mesmo tempo como indivíduo e como fator da sociedade que o acolhe e o produz. Essa imaginação embaralha valores e ideias em uma reconfiguração constante que vai do figurativo ao discursivo sem nunca se deter definitivamente em um dos pólos, exceto quando finalmente se materializa em uma imagem”.

Ao editar a presente capa, Veja dá a entender que quer direcionar o leitor. Quer que ele enxergue apenas a capa modificada graficamente. Esquecendo-se que Stédile é líder dos sem-terra, que lutam pela reforma agrária. Uma causa que ainda não foi resolvida, no Brasil. “Cada formação histórica vê e deixa ver tudo que pode, em função de suas condições de visibilidade” – Domenech apud Foucault (1986, p. 66). “De onde se conclui que o visível é aquilo que se pode ver, o que a sociedade deixa ver e institui que há de ser visto” - Domenech (2011, p. 22).

Considerações finais

Segundo Rossi (1985), o mais correto é dizer que existe atualmente liberdade de empresa, mas não exatamente liberdade de imprensa.

“Em outras palavras: há razoável grau de liberdade para um determinado jornal veicular aquilo que lhe parece mais conveniente – respeitadas, é óbvio, as leis vigentes. Mas há sérias restrições ao direito social à informação, ou seja, ao direito que toda sociedade tem de informar e, ao mesmo tempo, veicular informações que lhe interessam” – Rossi (1985, p. 60).

Tal afirmação possibilita compreender a posição de Veja sobre o MST. Uma revista que, desde sua criação, tem por objetivo defender o capital. Sendo os sem-terra uma espécie de pedra no sapato. Um movimento que carrega uma história de luta pela mudança social. Veja, então, tenta desqualificá-lo. Não basta dizer que o MST é do mal. É preciso mostrar, conforme o manipula nesta capa. Utilizando-se de artifícios gráficos e métodos tendenciosos de edição, Veja macula os sem-terra e os apresenta à sociedade como um bando de facínoras que quer espalhar o caos no país. De acordo com a análise apresentada pelo presente trabalho, a capa de Veja sobre os sem-terra tenta ofuscar a ideia de que o Brasil precisa de uma reforma agrária.

Reivindicação antiga, a reforma agrária não foi prioridade dos presidentes que passaram pelo Palácio do Planalto. A luta pela terra no Brasil vem do Brasil Colônia, passou pela Independência, pela República e chega quase intocável aos dias atuais. Realizá-la mexe com interesse de gente importante em cujas mãos estão concentradas as terras brasileiras. O governo do presidente João Goulart pôs a reforma agrária na pauta política, mas acabou deposto por um golpe militar em 1964.

As capas de Veja sobre o MST são o flagrante da imparcialidade da grande mídia brasileira. Não quer dizer que haja algum meio de comunicação imparcial. Os estudos sobre a imagem nos mostram que a neutralidade total não existe. Mas o que não se admite é utilizar um meio de comunicação para atacar determinado grupo constituído, como os sem-terra.

Referências

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Porto (Portugal): Editora Presença, Ltda, 1974.

CARVALHO, José Murilo. **Cidadania no Brasil. O Longo Caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

DOMENECH, Josep C. **A forma do real: introdução aos estudos visuais**. São Paulo: Summus, 2011.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso: Reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

GOETHE, J. W. **Doutrina das cores**. (Selecionado e comentado por Marco Giannotti). São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores**. São Paulo: Annablume, 2000.

ORLANDI, Eni Puccineli. **Análise de discurso – princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

PANOFSKY, Erwin. **O significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

PÊCHEUX, Michel. **Glossário de Termos do discurso**. Disponível em www.discurso.ufrgs.br/grossario, acesso em 30/12/2011.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Comunicação e Política: conceitos e abordagens**. Salvador: Edufba, 2004.

SANTOS, Marina dos. Brasil. Raízes do MST. Disponível em <http://alainet.org> – in Ayoub, Ayoub Hanna. **Mídia e movimentos sociais: a satanização do MST na Folha de São Paulo**. Londrina, 2006.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Carla Luciana. **A grande imprensa e a crise política: o caso de Veja**. Disponível em www.unioeste.br. Acesso em 11/05/2011.

STÉDILE, João Pedro (org); Douglas Estevam (assistente de pesquisa). **A questão agrária no Brasil: O debate tradicional**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.